

A EVOLUÇÃO DA PRESENÇA FEMININA NA RODA DE CAPOEIRA

Gláucia Cândida Marques ¹

Orientador: Raimundo Márcio Mota de Castro²

RESUMO

A Capoeira é a arte marcial genuinamente brasileira, rica em cultura envolvendo luta, dança, música e arte, popularizou-se no Brasil com sua bagagem histórica e como esporte, e tem sido difundida para outros países. Inicialmente era ligada a masculinidade e força, mas com o passar do tempo a diversidade de gênero tem ganhado espaço em sua prática. O presente artigo tem como finalidade refletir acerca da evolução da presença feminina na Roda de Capoeira. Utilizando recurso de pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica, aborda sobre a Capoeira, sua origem e a mudança de sua dinâmica na história, a Roda de Capoeira onde é colocado em prática a musicalidade, luta e dança, por fim reflete como a presença feminina ganhou espaço na Roda com mulheres praticantes deste esporte arte. Apoiado em autores estudiosos do tema e no Dossiê Inventário Para Salvaguarda da Capoeira Como Patrimônio Cultural e Histórico do Brasil do Ministério da Cultura e IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) (2007). Conclui-se que é um assunto que necessita ser mais aprofundado, inclusive com pesquisa de história oral, visto que pouco foi escrito e documentado sobre as mulheres que contribuíram para o desenvolvimento e popularização da Capoeira.

Palavras-chave: Mulher. Capoeira. Diversidade.

*“Mulher na roda não é pra enfeitar, Mulher na roda é pra ensinar...”
Carolina Soares*

INTRODUÇÃO

A capoeira é um esporte Afro-brasileiro e apresentou crescimento e evolução bastante considerável nas últimas décadas. Por ter contida em sua essência cultura, arte e luta, tem ganhado adeptos das mais diversas denominações sociais, idades e gêneros. A presença de mulheres nas rodas de capoeira atualmente é comum, porém nem sempre foi assim, assim como nos diversos setores da sociedade, também na capoeira, mulheres enfrentam preconceitos e lutam para ter seu espaço. Por praticar esse esporte, em vivências e estudos

¹ Graduando em Educação Física (FACEL/2017) E-mail: gmarques05@hotmail.com

² Doutor em Educação. Pós-doutor em Educação Escolar e Religião. Professor colaborador.. E-mail: prof.marcas.posgrad@gmail.com

sobre ele, percebe-se que a diversidade de gênero, embora não muito explícito, ainda é uma barreira para a prática da capoeira por mulheres, alguns homens, por exemplo, recusam-se a jogar quando tem mulher na roda.

A problemática da pesquisa consiste em responder: como a presença feminina nas rodas de capoeira evoluiu ao longo do tempo? Este estudo tem a finalidade refletir acerca da diversidade de gênero no contexto deste esporte, arte e dança, a Capoeira. Buscando compreender a contribuição de mulheres, poucas citadas na história, mas que muito somaram para evolução popularização da Capoeira.

A base metodológica para formulação e desenvolvimento deste estudo foi a pesquisa bibliográfica por entender que a evolução da presença feminina na roda de capoeira sofreu influências histórica e sociais, que segundo Santos (2002, p. 31) consiste no conjunto de materiais escritos/gravados, mecânica ou eletronicamente, que contêm informações já elaboradas e publicadas por outros autores. Sendo produzido a partir de consultas a materiais elaborados como artigos, livros e periódicos sobre o assunto.

Conceituando em uma perspectiva instrutiva, a questão foi apresentada em itens que se complementam e são compreendidos de forma associada. Primeiro apresentando a Capoeira em abordagem histórica, prosseguindo explanando acerca da Roda de Capoeira para a partir daí refletir sobre a Mulher na Roda por acreditar na importância da capoeira para nosso país e que as mulheres tem contribuição fundamental na história, popularização e valorização desse esporte tão rico de possibilidades, foi decidido realizar um estudo sobre a evolução da presença feminina nas rodas de capoeira.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Capoeira

Há registros iconográficos e em documentos datados desde o século XVIII. Cidades como Salvador, Rio de Janeiro e Recife receberam um grande contingente de africanos escravizados e se tornaram verdadeiros santuários da capoeira antiga.

A capoeira é ao mesmo tempo dança, luta e jogo, o foco é dado a cada uma das vertentes de acordo com o grupo e mestres, o que caracteriza sua multidimensionalidade.

As origens da capoeira remetem a basicamente três mitos fundadores:

- 1- A capoeira nasceu na África Central e foi trazida intacta por africanos escravizados.
- 2- A capoeira é criação de escravos quilombolas no Brasil.
- 3- A capoeira é criação dos índios, daí a origem do vocábulo que nomeia o jogo. (IPHAN, 2007, p. 11)

As três teses ainda divergem. Apesar de danças guerreiras semelhantes a Capoeira existirem na África Central e em outras regiões, é inegável que esta tenha sofrido influências de culturas e mudanças no território brasileiro. Não há registros de práticas equivalentes a Capoeira na África, atribuindo então seu surgimento do cotidiano dos escravos sendo criada nos quilombos como forma de defesa escrava. Apesar de ter confirmada correlação com práticas ascendentes da África, a Capoeira foi concebida nos centros urbanos em formação, mormente em cidades portuárias como o Rio de Janeiro, Salvador e Recife, aonde chegaram grandes grupos de escravos.

A hipótese de a Capoeira ser uma criação indígena não apresenta muito embasamento. A palavra “capoeira” que significa “mato ralo” faz parte da língua tupi que alude a uma explicação de sua origem.

A dificuldade em estabelecer as origens da capoeira nos aspectos geográficos, culturais e etimológicos pode ser explicada devido a sua diversidade. Manifestação intimamente ligada às culturas locais, ganhou contornos específicos de acordo com os contextos em que se desenvolveu. A capoeira, dessa forma, é reconhecida como fenômeno cultural urbano, cuja história permeia o passado e o presente. (IPHAN, 2007, p. 12).

O documento mais primitivo atribuído a Capoeira foi encontrado pelo jornalista Nireu Cavalcanti, datado de 1789, é referente a libertação de um escravo de nome Adão preso por praticar a capoeiragem nas ruas do Rio de Janeiro, isto comprova que a Capoeira era reprimida antes mesmo de sua criminalização em 1890 durante o governo do Marechal Deodoro da Fonseca.

Segundo Brito, (1997, p. 7):

Com a extinção dos Palmares e a abolição da escravatura, a Capoeiragem saiu das Capoeiras, já agora nitidamente como recurso de ataque e defesa e nela foram os homens se exercitando, recebendo ensinamentos daqueles que já tinham visto e praticado. Nas cidades, principalmente no Rio de Janeiro e em Salvador, os adeptos da Capoeira se tornaram notáveis por suas façanhas, criando assim uma emulação inevitável e nem sempre positiva. Começa aí a proliferação da Capoeira enquanto atividade associada à vadiagem.

De acordo com IPHAN, (2007, p. 5) o que faz a capoeira permanecer ativa até os dias atuais é a aprendizagem que os mestres passam para seus alunos através da prática e desenvolvimento como luta, arte e cultura. A transmissão de ensinamentos da capoeira sofre mudanças ao longo da história acrescentando e deixando de lado algumas tradições.

O aprendizado na capoeira se divide em três momentos históricos que caracterizam fases marcantes e distintas. A primeira fase destaca as formas de aprendizado da capoeira existentes no período em que esta foi amplamente criminalizada, do ano de 1890 até o início de seu processo de descriminalização, em 1937. Posteriormente, alcança o período conhecido como “escolarização da capoeira”, em que são formadas as primeiras academias oficiais e institucionalizadas, destacando principalmente as vertentes da capoeira regional, de Mestre Bimba, e capoeira angola, codificada por Mestre Pastinha. Por último, recorta o período que vai da década de 1980 até os nossos dias, ou fase contemporânea da capoeira, em que podemos observar o crescimento e difusão da capoeira baiana (regional e angola) por todo o Brasil e o mundo, numa proliferação de grupos e vertentes. (IPHAN, 2007, p. 51)

Entre os anos de 1808 e 1890, ano da proibição do tráfico de escravos, houve a descrita como “capoeira escrava”, segundo pesquisas não era mais delimitada a negros libertos ou livres, mas sim a tradição de rebeldia de origens escravas. Despertou interesse e fascínio de outras classes sociais. A troca de relações culturais e social se ampliou e entre 1850 e 1890 encontrava-se letrados, aristocratas e militares praticantes da Capoeira.

Por volta de 1932, no Engenho Velho de Brotas, um homem nascido em Salvador em 23/11/1900, e falecido em Goiânia em 05/02/1974, foi o grande pioneiro da oficialização, pelo governo, da primeira academia de Capoeira. Posteriormente, em 1937, a então Secretaria de Educação conseguia um registro oficial que qualificava seu curso de capoeira como Curso de Educação Física [...] (BRITO, 1997, p. 8)

Uma nova tradição da Capoeira nasce entre 1930 e 1940, este período é considerado como um divisor na história da capoeira, pois é nele que surge a Capoeira Regional com Mestre Bimba. Esta nova roupagem da Capoeira passa a relacionar questões sociais com visão mais ampla, implicando a prática da Capoeira e os relacionamentos em sociedade.

É necessário dizer que este fenômeno acontece num contexto histórico em que se dá um processo de renovação institucional das manifestações culturais negras em busca de legitimação, legalização jurídica, construção de autonomia territorial, visibilidade na imprensa, aceitação social, afirmação cultural, e maior expansão da sua prática para outras camadas sociais. De acordo com Vivaldo da Costa Lima, para a Bahia, “era aquele um tempo em que os impulsos amortecidos e reprimidos do negro ... começaram a se reorganizar através de diversos mecanismos e estratégias de resistência cultural e afirmação política. Organizavam-se os movimentos sindicais e os candomblés”. E pode-se acrescentar, organizavam-se também as academias de capoeira. (IPHAN, 2007, p. 37).

Segundo Zonzon (2007), os dois principais estilos de capoeira, a Capoeira Angola e a Capoeira Regional, são oriundos da Capoeiragem, de origem ainda controversa. Ambos os estilos tiveram considerável expansão nas várias classes da sociedade no início da segunda metade do século XX. A Capoeira Regional mais voltada para práticas esportivas e competitivas e a Capoeira Angola para vertente folclórica. Os mestres precursores da

Capoeira Regional e da Capoeira Angola foram, respectivamente, Mestre Bimba e Mestre Pastinha.

Assim como Mestre Bimba, Mestre Pastinha não via com bons olhos o momento que a capoeira baiana atravessava no início do séc. XX, cercada de grupos desordeiros e de violentos embates entre si e com a polícia. Práticas que, na sua visão, não traziam nenhum benefício para a ascensão social da capoeira. A situação de ilegalidade e perseguição em que se encontrava impedia que a arte desenvolvesse todas as suas potencialidades.

A primeira academia criada por Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado) teve o nome de Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, destacando o papel desportivo e marcial da arte IPHAN, (2007, p. 56). A capoeira regional nasce tentando buscar um rompimento com a imagem do capoeira vadio e desordeiro em nome do capoeira como um desportista saudável e disciplinado. A construção da academia com aval e reconhecimento do Estado, contribuiu para popularizar a capoeira.

A Roda de Capoeira

De acordo com IPHAN, (2007) a Roda de Capoeira é espaço e momento de jogo e aprendizado, onde se joga aprendendo e aprende-se jogando. Não há registros precisos acerca do período em que a Roda passou a ser uma marca da capoeira, o que se sabe é que tem seus primórdios na Bahia, onde a prática da capoeira sofria menos intolerância ajudando no seu desenvolvimento como manifestação ritual que mistura música, luta, dança e produz várias acepções simbólicas e mítico-religiosas.

A maioria dos capoeiristas tinha devoção a santos e orixás e as rodas eram feitas em festas religiosas onde eram oferecidas comidas durante estas, em comemoração a determinadas datas ou eventos. Na Bahia também ficaram conhecidas como espaços de lazer, brincadeira e “vadiação”, e eram realizadas nas proximidades de botecos com muita cachaça oferecida pelos próprios donos dos botecos por atrair fregueses e mais público.

Na rodas de capoeira eram mantidos rituais de cunho religioso:

Enquanto a Capoeira Angola manteve uma ritualística semi-religiosa, a Capoeira Regional buscou uma forma mais laica. Curiosamente, Mestre Bimba denominou de batizado o rito de passagem em que seus alunos deixavam de ser iniciantes para serem iniciados. Além da referência à cerimônia religiosa cristã, nas suas rodas, contar com a participação de sua esposa, Dona Alice, que era Mãe de Santo. (IPHAN, 2007, p. 71)

Mestre Bimba manteve aspectos religiosos na execução da capoeira, mas com a modernização da Capoeira Regional não foram levadas adiante pelos futuros praticantes. O

batizado foi mantido, embora como exibição esportiva quando há mudanças de graduações, troca de corda, hierarquização influenciada nas faixas das artes marciais orientais.

Zonzon (2007, p.8), define a roda de capoeira:

[...] como um espaço de afirmação identitária e também de aprendizagem e transmissão. É na roda que se aprende a ser angoleiro (praticante da capoeira angola), isto é, comunicar-se através dos códigos do grupo que, na maior parte, não são explicitados verbalmente: aprende-se assistindo à roda e dela participando.

Para jogar na roda de capoeira é necessário entender e ter domínio de diversas capacidades, como a execução de movimentos, saber tocar os instrumentos que compõem a bateria (berimbau, pandeiro, atabaque e agogô), cantar, ter embasamento teórico e respeitar as regras do grupo.

Oliveira e Leal (2013, p. 199), citam a Certidão de registro da roda de capoeira como Patrimônio Cultural Brasileiro onde descreve a capoeira como:

A capoeira é uma manifestação cultural presente hoje em todo o território brasileiro e em mais de 150 países, com variações regionais e locais criadas a partir de suas “modalidades” mais conhecidas: as chamadas “capoeira angola” e “capoeira regional”. O conhecimento produzido para a instrução do processo permitiu identificar os principais aspectos que constituem a capoeira, como prática cultural desenvolvida no Brasil: o saber transmitido pelos mestres formados na tradição da capoeira e como tal reconhecidos por seus pares; e a roda onde a capoeira reúne todos os seus elementos e se realiza de modo pleno.

Para introduzir a Roda de Capoeira:

[...] um elemento estruturante desta manifestação, espaço e tempo onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana - notadamente banto — recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se banzam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes mestres, se transmitem e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros. (OLIVEIRA E LEAL 2013, p.200)

Carvalho (2010, p.33), faz um apanhado sobre os instrumentos musicais que compõem a roda de Capoeira. A começar pelo Berimbau um instrumento de origem africana usado na roda para marcar o ritmo da luta, geralmente são usados três tipos: Berimbau Gunga, na linguagem africana tem significado de “mais antigo”, que faz a base, comanda a roda e produz som grave; o Berimbau Médio, que faz o contra toque ou dobra (solo); e o Berimbau Viola, de som agudo que enfeita e faz os floreios. A diferenciação dos sons dos Berimbaus se dá

conforme o tamanho da cabaça usada em cada um. O pandeiro, que tem certa contradição a respeito de sua origem, a mais aceita com relação a capoeira é que foi introduzido no Brasil por portugueses, não sendo de origem africana. O Atabaque de origem oriental mais usado por persas e árabes, apesar de ser conhecido pelos africanos pressupõe-se que foi também trazido por portugueses para o Brasil e não há registros de quando passou a ser usado na capoeira. O Reco-reco que é mais usado na capoeira Angola. E o Agogô que é de origem africana composto de um arco de metal com um cone metálico em cada ponta, na capoeira é mais usado o agogô feito com pedaço de pau e dois cocos.

De acordo com Brito (1997, p. 19), a roda de capoeira é o conjunto de tocadores, cantores e jogadores. Há algumas diferenças na roda conforme o estilo Angola ou Regional. Porém em ambos os estilos a bateria composta pelos instrumentos acima citados é que comanda o ritmo de jogo. Geralmente começando com um jogo mais lento e floreado conhecido como banguela, passando gradativamente ao jogo mais rápido e objetivo, o São Bento Grande.

Mulheres na Roda

De acordo com Miranda Filho e Muricy (2016 , p.42), a luta da mulher pelo seu espaço na capoeira está conjunta com sua luta por reconhecimento e direitos justos em todas as esferas sociais. Entre os séculos XIX e XX a elite intelectual brasileira denominava os papéis de gênero, homens eram preparados para a vida pública e mulheres para a maternidade, porém esta constituição legada a mulher da época de ser trabalhada sua feminilidade considerava as relações de classe, gênero e raça. “O corpo reprodutor, meigo, frágil e delicado se encaixaria apenas para as mulheres da elite, pois as negras escravas, as mulheres trabalhadoras, deveriam aguentar longas jornadas de trabalho e exploração, sob a pena de serem torturadas e/ou terem seus corpos violentados pela repressão”. (MIRANDA FILHO E MURICY, 2016 p.42),

Às mulheres da elite não eram permitidas as práticas de atividades físicas, pois eram educadas e orientadas a terem comportamento moral e normatizado na sociedade retratando os valores familiares, religiosos e ideológicos da época. Em contraponto as mulheres, maioria negras e pobres, que trabalhavam nas ruas para sustentar suas famílias, estavam expostas aos mais variados tipos de violência e perigos sendo obrigadas a criarem mecanismos de defesa que as distanciavam dos padrões femininos da época.

Barbosa (2005, p. 10), pontua que documentos escritos datados as décadas anteriores a 1970 são bastante limitados a respeito da performance feminina na capoeira, no entanto

alguns autores, pesquisadores e estudiosos da história da capoeira do século XX citam os seguintes nomes femininos: Maria Homem, Júlia Fogareira, Maria Cachoeira, Maria Pernambucana, Maria Pé no Mato, Odília e Palmerona. Na história estas mulheres aparecem como figuras lendárias, mas a valorização maior ainda é atribuída aos homens capoeiristas da mesma época.

Miranda Filho e Muricy (2016, p. 45), lembra que a capoeira também não era vista com bons olhos e a presença destas mulheres foi registrada nas cantigas da capoeira, foram mulheres que tiveram participação ativa na vida das ruas de Salvador, Rio de Janeiro e Belém do Pará. No meio social eram julgadas “vagabundas”, eram negras, pobres, esposas, mães, donas de casa, trabalhadoras das ruas, escravas libertas que talvez a única alternativa foi serem fortes e corajosas para enfrentar uma sociedade hipócrita e machista.

De acordo com Oliveira; Leal (2009, p. 118), os registros que identificam mulheres capoeiristas nas primeiras décadas do século XX são mínimos, há alguns sobre a valentia de algumas mulheres que se defendiam de ameaças em disputas com golpes de navalha, cacetadas e pontapés, eram chamadas de “mulher da pá virada”, que viviam em “territórios de capoeiras” predominantemente ocupados por homens nas ruas de Salvador, consideradas lugares perigosos e violentos.

Jornais da época noticiaram e escreveram artigos voltados a práticas violentas e prisões de mulheres, que embora não tenha registro direto são relacionados a capoeira. Salientando que noticiários sobre homens capoeiristas e suas prisões eram em número bem maior.

A não identificação de mulheres capoeiras na documentação policial e jornalística não descarta a possibilidade de sua existência. Ao contrário, uma vez identificada sua presença no universo social da capoeiragem, a partir das referidas fontes, ficam reforçadas as informações deixadas pela tradição oral nos registros de memória, a exemplo das cantigas e dos manuscritos dos mestres capoeiras. (OLIVEIRA; LEAL 2009, p. 118)

Os registros sobre os primeiros capoeiristas não são identificados com facilidade, principalmente com relação as mulheres. Alguns registros são frutos de investigações e estudos a partir das ruas, que eram locais de prostituição, de conflitos sangrentos e demarcação social, atribuindo a masculinização da conduta de mulheres inseridas neste meio às relações estabelecidas ali.

Souza (2010, p.5), destaca as barreiras culturais enfrentadas pelas mulheres para se integrarem em atividades físicas, esportes e lutas, por acreditar-se que as lutas remetem a

virilidade masculina. Por muito tempo o sexo feminino foi considerado sexo frágil e mulheres que praticavam esportes e lutas sofriam preconceitos e ganhavam rótulo de “masculinas”.

A capoeira é uma luta praticada majoritariamente por homens, podendo ser interpretada como uma área de reserva masculina. No entanto, no contexto de hegemonia masculina, houve presença de algumas mulheres vanguardistas, que no século XIX já frequentavam as rodas de capoeira na Bahia, sendo objetos de pesquisa de historiadores, tais como: Maria Felipa de Oliveira, Maria doze homens e Salomé. (SOUZA, 2010, p. 6)

Na década de 1930, quando a capoeira começou a ser praticada em academias, as mulheres passaram a exercer serviços voltados para a administração e organização dos grupos de capoeira não tendo participação efetiva na roda de capoeira, eram meros apoios nas danças, rituais e músicas. “As mulheres passaram a participar de forma dinâmica e operante nas rodas e jogos a partir das décadas de 1970 e 1980, ganhando destaque nas academias e grupos de capoeira” (MIRANDA FILHO E MURICY, 2016, p. 45).

Barbosa Apud Miranda Filho e Muricy (2016, p. 46), faz uma análise sobre interferências sociais e econômicas que influenciaram a capoeira, principalmente com relação a Capoeira Regional, na década de 1970, acreditando que apesar de a capoeira ter conquistado espaço e ter sido reconhecida como esporte brasileiro, houve um processo mercadológico que a fez perder suas raízes e sua herança ancestral. Por outro lado a Capoeira Angola fortificou as raízes africanas reforçando sua herança negra e ganhando maior notoriedade na década de 1990. Ambos os fatos atraíram mulheres para a prática da capoeira tanto no estilo Regional quanto Angola.

Apesar de a capoeira ser uma luta com cerca de 300 anos de história, a participação efetiva de mulheres jogando na roda é relativamente recente. Tem tradição oral forte, pois a história da capoeira é considerada ágrafa, mas são escassos os registros sobre mulheres SOUZA (2010, p. 6).

A presença de mulheres nas rodas de capoeiras é uma crescente, atualmente há Mestras mulheres nos diversos grupos de capoeira, e o ingresso de pessoas do sexo feminino das mais variadas faixas etárias é grande. Apesar de os capoeiristas serem, ainda, maioria homens, acredita-se que o número de mulheres praticantes pode se equiparar em um curto espaço de tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falar, ouvir e estudar sobre a capoeira se vincula diretamente a história, cultura, arte e luta que compõem a trajetória do Brasil. Especificando neste trabalho a temática acerca de gênero dentro da capoeira, pôde-se perceber que além de ser substantivo feminino, a luta pela valorização, reconhecimento e direito de existir se equipara as batalhas que as mulheres travam e vencem constantemente em uma sociedade com ideologias e paradigmas que são ranços de uma formação classista, preconceituosa e machista.

A capoeira, arte marcial afro-brasileira originalmente criada como forma de defesa pelos escravos negros que eram tratados como animais úteis para os serviços mais pesados, sofreu transformações ao longo da história sendo influenciada política, econômica e socialmente, criando subdivisões, atualmente as mais em voga a Capoeira Regional e a Capoeira Angola. Reconhecida como esporte, considerado um dos mais completos por conter luta, música, dança e arte, conseguiu ir das senzalas às classes mais nobres, por caminhos árduos e entranhados de preconceitos. O reconhecimento como Patrimônio Cultural do Brasil foi um passo importante e enriquecedor para o país, embora a capoeira seja mais valorizada fora do Brasil. Há críticas quanto ao posicionamento comercial de mercado que a capoeira tomou e temor pelos mais tradicionais de que ela perca sua essência.

É na roda de capoeira que todos os elementos são executados em conjuntura, o jogo é a expressão dos movimentos trabalhando a arte marcial e o molejo da dança, ritmado pelos instrumentos berimbau, pandeiro, atabaque e agogô e pelas cantigas e cantos que contam histórias dos negros e suas lutas, criticam as mazelas sociais e em muitas letras fazem memória a homens e mulheres ícones da capoeira. Por ser de origem ágrafa muitos dos relatos sobre a capoeira não foram escritos, mas cantados nas rodas e serviram de fontes de estudos e análises que contribuíram para manter a capoeira viva, para ser disseminada e praticada cada vez mais. A roda de Capoeira também foi tombada como Patrimônio Cultural, sobre sua origem não há registros que precisem o período de seu surgimento carecendo de estudos mais aprofundados.

A prática de esporte por mulheres foi questão de conquista de direitos, mais um que por muito tempo lhes era negado e não admitido. Com relação a presença feminina na capoeira não foi diferente, assim como os homens, os poucos registros de mulheres nos primórdios da capoeira apontam que elas a usavam como forma de defesa e sofriam preconceitos mais severos por serem negras, pobres e mulheres, poucas são lembradas e mencionadas, embora muito tenha contribuído. Calcula-se que a capoeira tem cerca de 300 anos de história, mas a presença efetiva de mulheres nas rodas de capoeira datam no início das décadas de 1980 e 1990, atualmente ainda enfrentam um preconceito velado, mas sem

permitir perder espaço. Nos diferentes estilos de capoeira já há graduadas, contramestras e mestras.

Deste modo é importante salientar a luta da mulher por espaço em todas as áreas da sociedade, não deixando de ser feminina e merecendo tratamento equânime e respeito. Acerca da temática estudada é notório que a evolução da presença feminina nas rodas de capoeira foi lenta, porém ganhou efetividade e empoderamento, é um assunto que merece mais aprofundamento histórico, pois carece de materiais que contem e registrem fatos relevantes para o país.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria José Somerlate. **A Mulher Na Capoeira**. 2005. Disponível em: http://www.cppa.com.br/attachments/File/Artigos/A_mulher_na_capoeira.pdf Acesso: 03 ago. 2016.

BRITO, Elto Pereira de. **Fundamentos da capoeira**. Goiânia. Secretaria de Educação do Estado de Goiás, 1997. 31 p.

CARVALHO, Carlos Rufino de. **A musicalidade na capoeira**. 2010.

IPHAN. **Dossiê**: inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília -2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf acesso em: 03 ago. 2016.

MIRANDA FILHO, Vamberto Ferreira; MURICY, Jálícia Lima Santos. **Mulheres na história da Capoeira**: contribuição ao necessário debate sobre mulheres nas lutas sociais. 2016. Disponível em: <http://www.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-396573526.pdf> .Acesso em: 13 jan. 2017.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero** : ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador : EDUFBA, 2009. 200 p.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: edDP&A. 2002.

SOUZA, Eliane Glória Reis da Silva. **Capoeira**: sua História e as Relações de Gênero. 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1273245402_ARQUIVO_Simposio_Doc.pdf Acesso: 04 ago. 2016.

ZONZON, Christine Nicole. **A Roda da Capoeira Angola**: os sentidos em jogo. Disponível em: <<https://sementedojojodeangoladf.files.wordpress.com/2014/08/73496480-a-roda-da-capoeira-angola-os-sentidos-do-jogo.pdf>>. Acesso: 11 ago. 2016.